
Educação de jovens e adultos: a experiência da Fumec no programa alfabetização solidária

VALÉRIA BARBOSA DE RESENDE*

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar a experiência do Centro Universitário FUMEC no Programa Alfabetização Solidária. Na primeira parte, serão apresentados alguns aspectos da realidade brasileira em que se insere a problemática da alfabetização de jovens e adultos e um esboço sobre origem e desenvolvimento do Programa Alfabetização Solidária. Na segunda parte, será apresentado o processo de formação inicial e continuada dos alfabetizadores que atuaram no programa, destacando algumas dificuldades e avanços encontrados no processo de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: programas de alfabetização; alfabetização de adultos; formação de professores.

Abstract

This article aims to present the experience of FUMEC University Center in the Program Joint Teaching of Reading. In the first part, it presents some aspects of the Brazilian reality in which are embedded matters regarding the teaching of reading to youngsters and adults, as well as an outline on the origin and development of the Program Joint Teaching of Reading. The second part shows the process of initial and continued formation of the reading teachers who worked on the program, highlighting some difficulties found and advances made in the teaching and learning process.

Keywords: teaching of reading programs; teaching of reading to adults; teacher formation.

* Professora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC e da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Résumé

L'article présente l'expérience du Centro Universitário FU-MEC dans le programme Alfabétisation Solidaire. Dans sa première partie, il est présenté quelques aspects de la réalité brésilienne où s'insèrent et la problématique de l'alphabétisation de jeunes et d'adultes et une esquisse à propos de l'origine et du développement du Programme Alfabétisation Solidaire. Dans la deuxième partie de l'article, on présente le processus de formation initiale et continue des ceux qui alphabétisent et qui ont travaillé à ce programme ; on y souligne également quelques difficultés et quelques avancées rencontrées pendant les processus d'enseignement et d'apprentissage. On met en évidence quelques difficultés rencontrées pendant le processus d'enseignement et d'apprentissage.

Mots-clés: programmes d'alphabétisation; alphabétisation d'adultes; formation d'enseignants.

A realidade brasileira

Há muito tempo, desde a primeira iniciativa pública de alfabetização em 1947, que a questão do analfabetismo é vinculada à ignorância das pessoas. A desvinculação do analfabetismo de Dimensões estruturais da situação econômica, social e política do país legitimava uma visão do adulto analfabeto como incapaz e marginal.

O analfabetismo é um problema, mas ele está aliado à má distribuição de renda e à desigualdade entre as classes sociais. Sendo assim, o fim do analfabetismo só será possível a partir da articulação de medidas voltadas, principalmente, para o financiamento da educação em todos os níveis, formação e valorização dos professores, geração de empregos e, conseqüentemente, melhor distribuição de renda.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais apresentou o mapa do analfabetismo. Os dados revelam que o Brasil

possui 119 milhões de habitantes (na faixa de 15 anos ou mais), sendo 16 milhões de analfabetos absolutos, ou seja, pessoas que nunca frequentaram a escola e não sabem nem mesmo assinar o nome. Os dados também revelam que existem 30 milhões de analfabetos funcionais - pessoas incapazes de usar a leitura e a escrita no contexto social, com menos de quatro anos de escolarização e que não conseguem retirar informações importantes de um anúncio de emprego, usar cartão bancário, preencher uma ficha com dados pessoais ou desfrutar de um te), literário.

Diante dessa realidade, há mais de 50 anos campanhas e projetos são organizados e instituições são mobilizadas para a "erradicação do analfabetismo"¹, sem alcançarem o sucesso desejado. O Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado no governo militar em 1967, prometia acabar com o analfabetismo em dez anos. Não cumpriu a promessa e em 1985, com o fim do governo militar, foi extinto. No mesmo ano, foi substituído pela Fundação Educar (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos), que não conseguiu desencadear projetos expressivos de alfabetização e foi extinta em 1990. Somente em 1997 o governo retoma a organização de projetos de alfabetização em nível nacional, criando o Programa Alfabetização Solidária.

¹ O termo é considerado inadequado, uma vez que significa "arrancar algo pela raiz", "extirpar", "destruir", como se o analfabetismo fosse uma doença a ser tratada.

Programa Alfabetização Solidária

Eu tô com 78 anos e num sei nada e agora eu estou tentando saber, porque eu tenho passado muita vergonha, a gente que é aposentado vai nesses bancos e eles dão uns papéis pra gente assinar e a gente não sabe, tem que pôr o dedão lá, é uma vergonha danada. Estou aqui pra ver se eu aprendo, pra acabar com essa vergonha. Você já pensou colocar o dedo e ter que sair lim pando? Não é triste? Tô tentando pra ver se

eu assino meu nome. Só isso que eu quero (SEU JOSÉ DOS ANJOS, PALMELO, GOIÁS , 2001).

O Programa Alfabetização Solidária destina-se à alfabetização de jovens e adultos, é coordenado por uma organização não-governamental e conta com recursos provenientes do Ministério da Educação, empresas, estados, prefeituras e sociedade civil. Dados do período de 1997 a 2003 mostram os seguintes resultados: 4 milhões de alunos atendidos; 170 mil alfabetizadores capacitados; 2.010 municípios acompanhados; convênios de financiamento com 135 empresas; e parceria com 219 Instituições de Ensino Superior (IES), que têm como função selecionar os alfabetizadores e realizar a formação inicial e continuada.

Percebe-se uma preocupação do programa em apresentar dados quantitativos, uma vez que o principal objetivo é diminuir a taxa de analfabetismo do país. Contudo, o levantamento numérico de matrículas em turmas de alfabetização nem sempre revela um trabalho efetivo de alfabetização, principalmente por se tratar de um curso com duração de cinco meses.

Em 2001, o Centro Universitário FUMEC realizou acompanhamento nos municípios de Cristianópolis, Santa Cruz de Goiás e Palmeio, situados no Estado de Goiás. Foram capacitados 12 alfabetizadores e atendidos 123 alunos. A existência de 850 analfabetos nos três municípios justificou a implantação do projeto, mas, devido às dificuldades para selecionar alfabetizadores com perfil adequado e à precariedade da infra-estrutura local, realizou-se o atendimento de apenas 15% do contingente de analfabetos.

Algumas características dos três municípios serão apresentadas a seguir, com o objetivo de contextualizar e justificar o atendimento aos mesmos.

Cristianópolis é um município de apenas 230 km², localizado a 100 km de Goiânia, com 2.924 habitantes, sendo 210 analfabetos com faixa etária de dez anos ou mais. Santa Cruz de Goiás

apresenta uma área territorial cinco vezes maior, 1.109 km², com extensa área rural, está localizado a 111 km de Goiânia e tem 3.470 habitantes, sendo 358 analfabetos. As crianças e adolescentes residentes na zona rural dispõem de transporte escolar. Palmelo, município que faz limite com Santa Cruz de Goiás e Pires do Rio, está situado a 126 km da capital, tem uma área de 59,2 km² e uma população de 2.309 habitantes, sendo 282 analfabetos.

Nos três municípios, as principais ocupações são: diaristas, comerciantes, vendedores, agricultores, pecuaristas (gado leiteiro) ou funcionários da prefeitura.

Foram muitas as dificuldades encontradas para a organização do trabalho nessas localidades, como o pouco incentivo aos jovens e adultos para frequentarem as turmas. O depoimento de uma alfabetizadora de Santa Cruz de Goiás, transcrito abaixo ilustra essa situação:

Lá em Rio do Peixe tem um rapaz, deve ter uns 20 anos, e eu fiz um convite para ele frequentar o curso. Ele ficou tão sem graça quando eu falei. Eu sabia que ele era analfabeto, porque um dia ele queria fazer uma ligação e não conseguia. Eu falei com ele, expliquei sobre o programa, e ele disse que iria. Mas não apareceu, ele falou que não vai porque morre de vergonha.

Outros fatores, como a inexistência de espaços públicos de leitura, dificuldades das prefeituras para prestar contas da verba advinda do programa, atrasos no pagamento das bolsas dos alfabetizadores, desarticulação entre o Alfabetização Solidária e outros projetos de alfabetização coordenados pelo Estado de Goiás, inviabilizaram a continuidade dos trabalhos nesses municípios.

Em 2003, a instituição passou a acompanhar o trabalho no município de Poço das Trincheiras, no Estado de Alagoas. O atendimento se justifica pela alta taxa de analfabetismo, em torno de 53%.



Jovens e o trabalho de distribuição do leite: pouco incentivo para aprender a ler e a escrever (Santa Cruz de Goiás, 2001)

2 A denominação do município vem do fato de ter existido um grande poço - hoje aterrado - próximo ao Rio Ipanema. No local foram construídas trincheiras de pedra, para que a população pudesse se defender de um possível ataque holandês. Outros dizem que as trincheiras serviam para a cidade se defender dos ataques de Lampião.

O município de Poço das Trincheiras² localiza-se a 216 km da capital alagoana, está situado no médio sertão e possui uma população de 13.222 habitantes, sendo 4.477 (com dez anos ou mais) considerados analfabetos, segundo dados do Censo de 2000. Foram organizadas 10 turmas e atendidos 236 alunos.

O município apresenta uma extensa zona rural, que exige serviço de transporte da produção, como também dos alunos até as escolas. Existem 2.850 vagas, nas redes de ensino estadual e municipal, nos níveis fundamental e médio. O município não conta com cursos de graduação, sendo que o curso normal superior é oferecido em uma faculdade de Santana do Ipanema.



Carro de boi utilizado para transportar materiais/ produtos e, em segundo plano, caminhão usado para transportar alunos (Poço das Trincheiras/ 2003)

O processo de formação dos alfabetizadores

Um dos pontos positivos do programa é a ênfase dada à formação inicial e continuada dos alfabetizadores, delegada às instituições de Ensino Superior, responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisas sobre alfabetização de adultos.

A seleção

Para a seleção dos alfabetizadores são observados os seguintes critérios, definidos pelo programa: residir próximo à comunidade a ser atendida; não ter vínculo com o serviço público; apresentar disponibilidade para realizar o curso de capacitação; ter concluído o 1º grau; apresentar clareza na exposição de ideias tanto na produção escrita quanto na oralidade.

No primeiro mês, os alfabetizadores participaram do curso de formação inicial, de 120 horas. Após a capacitação, ministraram aulas durante cinco meses e receberam uma bolsa mensal de 120 reais.

Dos 23 alfabetizadores capacitados, constatou-se que quatro frequentavam curso superior, sete tinham concluído ou ainda frequentavam o curso de magistério, dez frequentavam ou já haviam concluído o 2º grau científico ou profissionalizante e dois haviam concluído o ensino fundamental. Os alfabetizadores apresentavam experiências escassas de alfabetização, dificultando, muitas vezes, o trabalho em sala de aula.

Aliada à precariedade na formação dos alfabetizadores, havia uma exigência do programa que impedia a continuidade deles nos módulos seguintes. O objetivo do programa era mobilizar o maior número possível de jovens desempregados para que continuassem os estudos. Contudo, sabe-se que o trabalho efetivo de alfabetização não pode ser concretizado em cinco meses de aula, e, quando o alfabetizador começava a compreender os processos de aprendizagem dos alunos, ele era desligado do programa.

A formação inicial e continuada dos alfabetizadores

A capacitação dos alfabetizadores foi realizada em dois momentos: formação inicial e formação em serviço. No primeiro momento, apesar de valorizar a interação entre professores e alfabetizadores, prevalecia a transmissão de informações. O segundo momento privilegiava a reflexão sobre as temáticas desenvolvidas na formação inicial. Tratava-se de um momento de confronto entre as discussões teóricas, a prática pedagógica e o saber construído ao longo da vida dos sujeitos, na perspectiva de ressignificação e construção do conhecimento.

A formação inicial foi realizada no Centro Universitário FUMEC, com envolvimento dos corpos docente e discente, bem como de professores convidados. A participação das alunas do curso de Pedagogia foi fundamental para o planejamento das aulas a serem ministradas pelos alfabetizadores nos municípios, na elaboração de atividades didáticas e no apoio referente à infra-estrutura do curso.

Os alunos do curso de Turismo organizaram as aulas culturais, priorizando os pontos turísticos de Belo Horizonte e visita à cidade histórica de Ouro Preto. Houve participação também de alunas de Comunicação Social, que entrevistaram a coordenação e os alfabetizadores, resultando em um artigo publicado no jornal-laboratório do curso. A Rádio FUMEC divulgou o programa e músicas sertanejas de autoria de dois alfabetizadores.

Foram 120 horas de curso: aulas teóricas, oficinas, programação cultural, elaboração de projetos e de atividades didáticas. O eixo norteador foi a alfabetização na perspectiva do letramento

entendendo-se que não basta focalizar os processos de decodificação e codificação da língua escrita, mas possibilitar que os sujeitos conheçam os diferentes textos que circulam na sociedade, articulando sistema linguístico com usos e funções do texto, escrito. Nessa perspectiva, não cabe mais trabalhar, por exemplo, com famílias silábicas descontextualizadas, mas com estratégias perceptivas em que a leitura com sentido aparece em primeiro lugar.

Os temas tratados foram: métodos tradicionais de alfabetização e paradigmas atuais; discussão dos conceitos de alfabetização e letramento; oralidade e escrita; as variedades linguísticas leitura e formação de leitores; e as condições de produção do texto escrito. Também foram contemplados: cidadania social, fundamentos teórico-práticos do ensino da matemática; avaliação gênero e escolarização de mulheres adultas; oficinas de contação de histórias; e artes cênicas.

Contudo, sabe-se que o processo de formação docente não se reduz à formação inicial. Segundo Schon (1992), os professores constroem saberes e conhecimentos a partir de interações que vivenciam dentro e fora da escola, das observações que fazem de outras práticas docentes. Sendo assim, estes atores não utilizam apenas os conhecimentos produzidos nas instâncias consideradas responsáveis pela formação docente. E, no sentido de possibilitar a construção e a reconstrução desse saber-fazer, a partir do saber da experiência, as novas propostas pedagógicas e didáticas têm dado ênfase à necessidade de os professores estarem constantemente refletindo sobre suas ações: a partir de suas ações, sobre suas ações e durante suas ações.

Considerando que a maioria dos alfabetizadores acumulava experiências docentes rudimentares, como trabalho de catequese e estágios realizados nos cursos de magistério, a base de seu ofício estava ancorada na memória pedagógica da alfabetização, no

momento de sua própria alfabetização. Memórias marcadas por rotulações, castigos, medos, repetição e memorização, conforme depoimentos de alguns deles:

Na minha alfabetização, eu lembro que todas as sextas-feiras a professora reunia os alunos em fila e mostrava uma letra do alfabeto. O aluno que acertasse a letra castigava com a palmatória o aluno que errasse. Se nenhum aluno acertasse a letra, quem dava a palmatória era a professora. (POÇO DAS TRINCHEIRAS, 2003).

Comecei a estudar com 6 anos, e o que mais eu lembro foi quando a minha primeira professora deu uma semana para os alunos aprenderem o alfabeto. Quando chegou o dia dela perguntar, alguns aprenderam, outros decoraram, eu e mais cinco colegas não aprendemos. Foi horrível. (POÇO DAS TRINCHEIRAS, 2003).

Dessa forma, o ofício de alfabetizador é construído a partir das memórias pedagógicas da alfabetização, de estratégias discutidas na formação, de experiências relatadas por outros alfabetizadores. Assim, as reuniões realizadas com os alfabetizadores tinham por finalidade: socializar as práticas pedagógicas; discutir com eles os problemas enfrentados em sala de aula; analisar as produções escritas dos alunos.

A partir desses encontros com os alfabetizadores, realizados nos municípios, destacaram-se duas situações que podem ser apontadas como específicas das turmas de alfabetização de jovens e adultos. A primeira se refere à presença de crianças que acompanham as mães nas aulas; a segunda diz respeito à baixa auto-estima dos alfabetizandos.

Crianças que acompanham as mães

Muitas mães não tinham com quem deixar os filhos, e a frequência às aulas estava condicionada à permissão, dada pelo alfabetizador, para que os filhos pudessem permanecer em sala de aula. Muitos maridos ou companheiros, mesmo estando em casa, não assumiam o cuidado e a educação dos filhos. Esse fato impedia, muitas vezes, a continuidade de estudo das mulheres que são mães.

A carta redigida por uma aluna direcionada a coordenação do programa, ilustra a realidade de muitas alunas que frequentam turmas de Educação de Jovens Adultos.

Belém 30 de outubro de 2001

"O que espero desse projeto, Alfabetização"

Conheci a quem sou mãe, gosto da professora da e muito educada e paciente, por que eu estudo com criança na sala com apenas 5 meses de idade mais não impede o que eu mais quero e aprofundo em conhecimento, quero me avançar, e cometa novos colegas da sala e também do projeto, quero também dizer que gosto do estudo, das lições, de todos os materiais, do horário, e gostaria que no ano de 2002 espero que seja no mesmo horário de hoje, gosto do lanche espero que continue como está o lanche gostoso, e todos os que trabalham com nós maravilhamos na educação por todos nós, pois que no ano próximo me forme na primeira grau completo, e continuo assim na esperança de me crescer meu estudos, peço a Deus que Atue a todos os colegas e ao coordenador e professor do projeto de Alfabetização, Parabéns a Deus que Tudo. Amém

Aluna: Cida L da Silva

Diante dessa realidade, algumas medidas foram tomadas para atender as mães, sem prejudicar a dinâmica da sala de aula. Em algumas salas, as crianças menores dormiam, outras brincavam do lado de fora, e em alguns dias as crianças eram deixadas com familiares. Os alunos maiores alfabetizados participavam das aulas como auxiliares do alfabetizador. Percebe-se que a dinâmica imprimida as turmas de Educação de Jovens Adultos é singular, diferindo da dinâmica das turmas de crianças e adolescentes do ensino fundamental. Esta singularidade precisa ser discutida nos cursos de formação. Recuperar a auto-estima do alfabetizando por meio do desenho.

A auto-estima é a forma como a pessoa se sente a respeito de si mesma. As pessoas frequentam as turmas de alfabetização de adultos passaram a vida ouvindo que o analfabetismo é “erva daninha”, “enfermidade”, “chaga”, “incapacidade” e “preguiça”, e que precisa ser “erradicado”. Ora, o analfabetismo não é um fenômeno sobrenatural, sua existência é humana; assim, os sujeitos acabam tomando para si esses rótulos.

Para contornar essa situação, um primeiro momento realizado pelos alfabetizadores foi o de resgatar a auto-estima dos alfabetizados. A atividade de desenhar foi ressignificada pelos alfabetizadores e serviu como estratégia para incentivar a expressão pessoal e a representação da auto-imagem. O auto-retrato e a atividade de desenho, voltada para a realidade social e cultural, serviram para incentivar os alfabetizados a falar de si, de seus sonhos, interesses, conflitos, de seu modo de vida, de sua cultura.



A aluna Cecília procura conciliar estudo e amamentação

As produções abaixo são exemplos de atividades desenvolvidas que possibilitaram explorar as potencialidades e reverter o sentimento de incapacidade e fracasso dos alfabetizados.





Considerações finais

Um dos limites do Programa Alfabetização Solidária é a ênfase dada aos aspectos quantitativos, em detrimento dos qualitativos. É justamente apoiado em dados quantitativos que o programa tem sustentado seu sucesso e garantido a continuidade das parcerias. O programa apresentou dados do relatório de 2000 do IBGE, que apontou uma redução de 32,2% na taxa de analfabetismo no país, em relação ao levantamento feito em 1991. O IBGE informa que essa redução teve influência direta do Programa Alfabetização Solidária.

Contudo, constatou-se que a ênfase dada aos aspectos quantitativos ocasionou o aligeiramento do processo de formação dos alfabetizadores. O pouco tempo destinado à capacitação (inicial continuada), aliado à impossibilidade de o alfabetizador continuar nos módulos seguintes, inviabilizou um trabalho efetivo de formação, principalmente diante da realidade brasileira de escassez de pessoas com formação inicial adequada.

O tempo para alfabetizar e a definição de um conceito de pessoa alfabetizada são aspectos que precisam ser revistos. O período de cinco meses de aula é insuficiente para o desenvolvimento das habilidades iniciais de leitura e escrita, considerando-se as especificidades etárias e socioculturais dos sujeitos que frequentam as turmas. O programa também não apresenta critérios para definir o que seja uma pessoa alfabetizada.³

3 Atualmente, o Programa Alfabetização Solidária incorpora as orientações do Programa Brasil Alfabetizado, lançado pelo governo federal em setembro de 2003, que visa alfabetizar, nos próximos 4 anos, 20 milhões de pessoas a partir de 15 anos. O Programa Brasil Alfabetizado considera alfabetizada a pessoa que sabe ler, escrever, compreender o que lê e interpretar textos. Como controle de aprendizagem, ao final do curso, cada aluno deverá enviar uma carta ao ministério, por meio da qual deve demonstrar o aprendizado adquirido.

Para o IBGE, a pessoa alfabetizada é aquela que diz saber escrever o próprio nome e um bilhete simples, mas não há orientação para que o entrevistado comprove a informação. Para Soares (1998), ser alfabetizado significa aprender uma tecnologia, codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita. Contudo, segundo a autora, não basta apenas aprender a ler e escrever. É necessário envolver-se com as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, a pessoa precisa se tornar alfabetizada e letrada. De acordo com o conceito atual de alfabetização, não adianta os alunos apenas conhecerem letras, sílabas e palavras. O mais importante é conseguir usar a escrita para resolver problemas cotidianos e participar efetivamente das práticas sociais de leitura e escrita. Caso contrário, pessoas alfabetizadas podem se tornar analfabetas funcionais.

A participação do Centro Universitário FUMEC no Programa Alfabetização Solidária contribuiu para incluir a discussão sobre Educação de Jovens e Adultos no currículo do curso de Pedagogia, confirmando a necessidade de investimento na formação do professor alfabetizador de pessoas jovens e adultas. Possibilitou ainda o aprimoramento da formação profissional dos alunos de graduação do curso de Pedagogia e gerou intercâmbio entre experiências sociais e culturais diversas.

O papel das Instituições de Ensino Superior é realizar a formação dos alfabetizadores, fomentar pesquisas no âmbito da com preensão dos processos de aquisição de conhecimento das crianças, dos adolescentes, jovens, adultos e idosos, e participar criticamen-

te de programas sociais, contribuindo para que um contingente maior de pessoas consiga se apropriar das habilidades de leitura e escrita e possa usufruir dos bens culturais.

REFERÊNCIAS

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (org.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.) *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

